



PUB.

Poupança e Investimento

O futuro da sua família precisa de atenção. Agora.



PUB | NOVO BANCO DOS AÇORES, S.A.

novobanco
DOS AÇORES



Paulo Teixeira inaugura Sábado armazém com capacidade para até 250 mil garrafas no Picos D'Água Park na presença de 40 produtores regionais e nacionais

A Paulo Teixeira SU Lda., empresa de Ponta Delgada com 15 anos de actividade na comercialização e distribuição de bebidas, vai inaugurar no próximo Sábado, dia 1 de Fevereiro, às 11h, um novo armazém no Picos D'Água Park com capacidade para armazenar cerca de 250 mil garrafas.

pág.s 4 e 5

Alexandre Monteiro Investigador subaquático afirma a existência de 150 a 170 navios com tesouros no fundo do mar dos Açores

Arqueólogo subaquático fez inventário de navios naufragados na ZEE portuguesa



pág.s 2 e 3



Aconteceu de madrugada

Bebé nasceu a bordo de uma ambulância dos Bombeiros da Ribeira Grande a caminho do Hospital

pág. 5

PUB.

ATE 10 DE FEVEREIRO
QUEIJOS ENCHIDOS E VINHOS

TUDO AOS PREÇOS MAIS BAIXOS

É DE QUEM QUER O MELHOR DE CADA REGIÃO

CONTINENTE

PUB.

Gráfica Açoreana

SERVIÇOS DE PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO OFFSET

Rua Dr. João Francisco de Sousa, 16 - Ponta Delgada - São Miguel - Açores
email: pub@correiodosacores.pt | www.correiodosacores.pt | 296 709 887/888

PUB.

CEMAH

PARA GRANDES IDEIAS, GRANDES PARCEIROS.

CONTA NEGÓCIO

SOMOS A CAIXA DOS AÇORES
WWW.CEMAH.PT

PUB.

BIOCALCE MuroSeco

BIOCALCE® MUROSECO REABILITAÇÃO DE PAREDES HÚMIDAS E SALINAS

Biocalce® MuroSeco: simplicidade e segurança para a solução definitiva da humidade capilar em paredes.

KERAKOLL
The GreenBuilding Company

Costa Pereira e Filhos, Lda
materiais de construção
Tel: 296 960 200 - www.costapereira.pt

Investigador subaquático Alexandre Monteiro afirma a existência de 150 a 170 navios com tesouros no mar dos Açores

Foi a partir de uma descoberta despropositada de um naufrago com canhões ao largo da ilha Terceira, logo após ter obtido o seu certificado de mergulho, que Alexandre Monteiro começou o seu percurso enquanto arqueólogo subaquático. A criação de uma base de dados que documenta milhares de naufrágios ou a descoberta de um navio português na Austrália, cujo proprietário era natural do Pico, são alguns dos feitos do arqueólogo e investigador. “Nós sabemos que há 250 navios com tesouros na costa portuguesa, e que entre 150 a 170 dos mesmos encontram-se nos Açores” - afirma o arqueólogo

Correio dos Açores - Que percurso fez até se tornar arqueólogo subaquático?

Alexandre Monteiro (arqueólogo subaquático) - Na altura, estava a dar aulas de Biologia e de Ciências da Natureza, trabalhava para Direcção Regional da Educação. Era, simultaneamente um mergulhador amador. Praticamente, logo no dia a seguir ao que tirei o curso de mergulho, encontrei um naufrago com canhões, fui ter com o Director do Museu de Angra.

Depois deste acontecimento, fiquei a assessorar os Açores numa altura em que a Região estava a ser assediada por caçadores de tesouros, e depois prestei funções enquanto arqueólogo - não tendo ainda formação em arqueologia -, contratado pelo Instituto Português de Arqueologia, onde trabalhávamos a partir do Porto de Pipas.

Alguns tempo mais tarde, acabei por “legitimar” a minha profissão: fiz a licenciatura em Arqueologia e depois tirei pós-graduações na área. Tenho uma pós-graduação em mergulho científico, sou instrutor de mergulho e também sou mergulhador comercial profissional.

Fala que existem por volta de 250 navios que devem conter tesouros no mar português. Afirma que os Açores são uma espécie de “mina” em relação à arqueologia subaquática?

O mar dos Açores está inserido no mar Português. Pelas características que a Região tem no regime dos ventos alísios do Atlântico Norte, todos os navios à vela que retornavam das colónias e do Oriente - estamos a falar no caso português e no caso espanhol -, que vinham do “Novo Mundo”, quando regressavam à Europa eram forçosamente obrigadas a passar pelos Açores. Isso fez com que, historicamente, muitas tempestades tenham provocado naufrágios de embarcações no arquipélago, como também muitas frotas de potências que, na altura, participavam deste tráfico (nomeadamente os ingleses e os franceses). Nestas paragens nos Açores, essas frotas vinham carregadas com ouro, prata e porcelana chinesa. Era um clima propício ao conflito entre nações, portanto existiram combates, batalhas e alguns desses navios foram ao fundo devido a isso.

Dos cerca de 7 mil a 9 mil naufrágios que eu documentei nas águas de Portugal, sabemos que cerca de 250 naufrágios traziam cargas às quais hoje em dia nós chamamos de “tesouros”. Ou seja, tudo aquilo que um caçador de tesouros pode encontrar e que vende rapidamente em leilão como ouro, prata e porcelana chinesa - porque o resto nada lhes interessa.

Falando exclusivamente desses navios que transportavam este tipo de cargas, nós temos cerca de 250 naufrágios comprovados nas águas portuguesas e a grande maioria



A Baía de Angra regista um número avultado de naufrágios e demonstra enormes potencialidades para a investigação histórica e para a arqueologia subaquática



Arqueólogo subaquático Alexandre Monteiro

“Dos cerca de 7 mil a 9 mil naufrágios que eu documentei nas águas portuguesas, sei que cerca de 250 naufrágios traziam cargas às quais hoje em dia nós chamamos de tesouros,” afirma o investigador .

costa portuguesa, e que entre 150 a 170 dos mesmos encontram-se nos Açores. Agora, uma coisa é saber que eles se perderam nos Açores, outra é saber onde estão e onde é que os vamos encontrar.

Por exemplo, posso dizer que em 1589 houve uma frota de navios espanhóis que vinha com estas riquezas do “Novo Mundo” e que chegaram à Terceira - outros tinham sido afundados num furacão que aconteceu nas Caraíbas. Havia uma frota de corsários do lote ‘Cumberland’ que vinham por intermédio da coroa inglesa e que navegavam ali à volta das ilhas dos Açores. Estes corsários interceptaram um destes navios espanhóis, na ilha Terceira, ocorreu uma batalha e o resultado foi o afundamento de um navio espanhol carregado de tesouros, mais precisamente entre São Mateus da Calheta e o Fanal no Monte Brasil.

Eu sei aonde é que se deu essa perda, sei que o ponto dos mastros de fora não estará mais abaixo do que os 40 metros, e se eu quisesse ou a Região quisesse investigar, creio que seria relativamente fácil percorrer a batimétrica dos 40 metros naqueles dois quilómetros que existem entre a Calheta de São Mateus e a Ponta do Fanal no Monte Brasil.

Em relação a esta questão dos naufrágios, muitas vezes o que é preciso é investir tempo em cada um deles. Há 30 anos que ando a organizar uma base de dados dos naufrágios nos Açores. Eu comecei com 20 e neste momento vou com cerca de 1000. Muitas vezes realizo uma pequena nota de rodapé em que falo sobre um navio que se perdeu numa determinada ilha, mas depois de investir mais algum tempo de investigação descobrimos muito mais histórias.

Eu ando a fazer, para divulgação ao público, algo a que eu chamo de “um naufrágio por dia”, em que pego em todos os dias do ano e falo sobre um caso de naufrágio em cada dia do mesmo. Por exemplo, um destes naufrágios do mês de Janeiro foi o de um brigue italiano na Prainha do Galeão, na ilha do Pico. Eu tinha pouca informação sobre este acontecimento, então dediquei dois dias a fazer pesquisa, falei com amigos italianos,

encontra-se nas águas dos Açores.

Este é o resultado da importância transatlântica dos Açores, mais propriamente durante a época dos Descobrimentos, correcto?

Os Descobrimentos são uma curta fatia da história marítima da humanidade. Foram 300 anos em que existiu o transporte de grandes quantidades de metais preciosos a bordo de navios. No caso dos Açores, tudo aquilo que não seja basalto foi transportado para as ilhas através de navios. Neste caso, sim, estes materiais preciosos que hoje em dia chamamos tesouros foram transportados numa pequena tranche da história marítima da humanidade, entre 1500 e 1850.

Como é que organiza e elabora este tipo de investigações históricas e arqueológicas de carácter subaquático?

Uma coisa é o potencial, outra coisa é o potencial concretizado e realizado. Nós sabemos que há 250 navios com tesouros na



“Foi extremamente curioso ter começado a minha carreira de arqueologia subaquática nos Açores e, de repente, o navio que eu estou a escavar na Austrália é propriedade deste picoense, que era um dos maiores negociantes do reino de Portugal na altura”

e de repente até fiquei com o quadro que foi pintado em 1864 deste brigue italiano.

Se nós quisermos escolher um determinado naufrágio desta minha base de dados para partir para a realidade arqueológica, nós conseguimos fazê-lo. A base de dados é apenas um ponto de partida, se nós quisermos chegar ao sítio preciso onde esses navios estão afundados.

Tendo em conta a imensidão do mar português, existe a necessidade de maiores incentivos para esta área de investigação?

Ninguém precisa de um arqueólogo, toda a gente precisa de um médico e de um mecânico. Porém, as áreas da Arqueologia e da História são questões fundamentalmente identitárias.

O Governo de Portugal e das respectivas Regiões de Autónomas vivem um bocado à volta deste conceito que “Portugal é mar”, de que somos um povo que teve o seu apogeu com o movimento dos Descobrimentos. Isso é verdade, nós éramos uma pequena nação, um reino muito periférico e pobre, e conseguimos quebrar um bocado este isolamento. Os portugueses conseguiram fazer verdadeiros milagres, no que toca à inovação científica e de até de pôr vários mundos em contacto - naquilo que foi a primeira globalização.

Se quisermos hoje em dia continuar a capitalizar este facto de que Portugal é essencialmente mar, eu acho que a arqueologia subaquática tem que ser incentivada. Há muitos casos, por exemplo, nos Açores, a cidade da Horta, Angra do Heroísmo e até Vila Franca do Campo têm este componente de maritimidade muito forte.

A grande vantagem que nós temos com a arqueologia subaquática é que podemos pegar em exemplos concretos de navios que se perderam num determinado dia, num determinado mês, num determinado ano, e através deles contar a história. Por exemplo, o Ciclo da Laranja em São Miguel causou um número incrível de naufrágios no século XIX; no caso da Horta foi a navegação de baleação; no caso da Terceira foi o apoio às naus dos Descobrimentos e do “Novo Mundo” que vinham de Espanha. Logo, é possível, pegando nestes exemplos todos de navios que se perderam, contar a história de Portugal e a história dos Açores.

Qual foi o seu maior achado? O que destaca nestes seus anos de actividade?

Eu diria que em termos de achados concretos talvez tenha sido o ‘Angra D’. O ‘Angra D’ foi um navio que nós encontramos na Baía de Angra, aquela baía muito pequenina que tem mais de 120 naufrágios lá registados.

Quando estávamos a fazer o estudo de avaliação do impacto ambiental antes da construção da Marina de Angra, encontramos um navio. Eu lembro-me perfeitamente, nós estávamos a escavar naquela areia e ouvia-se um eco metálico que saía de um detector de metais. De repente começam a aparecer umas tabuinhas muito pequeninas, pareciam aqueles caixotes de fruta. E depois, à medida que escavámos, apareciam madeiras maiores e às tantas, no final, tínhamos um naufrágio completo, com mais de 33 metros de comprimento por 12 de largura máxima: eram os restos de um galeão espanhol da prata dos finais do século XVI, que se tinha perdido ali a 50 metros da costa em Angra do Heroísmo, e que tinha ficado perdido nos últimos 400 anos.

Relativamente a outro tipo de projectos, eu diria que talvez a descoberta, em 2004, de um navio português na Austrália chamado “Correio da Ásia”, que se perdeu em 1816 quando seguia de Lisboa para Macau, com uma carga brutal de moedas de prata: 66 mil moedas de prata, cujo o peso total equivalia a mais de 3 toneladas em prata.

O museu da Austrália Ocidental convidou-me para fazer investigação de arquivo e posteriormente para ir lá fazer a escavação. Fui à Austrália fazer a escavação desse navio e acabei por descobrir que esse navio era propriedade de um açoriano chamado José Nunes da Silveira. Este homem nasceu muito pobre, em 1754, na Madalena do Pico, e que depois se tornou um dos homens mais ricos de Portugal, sendo que comercializava com todo o mundo, nos mais de 30 navios que, entretanto, tinha adquirido.

Foi extremamente curioso ter começado a minha carreira de arqueologia subaquática nos Açores e, de repente, o navio que eu estou a escavar na Austrália é propriedade deste picoense, que era um dos maiores negociantes do reino de Portugal na altura.

José Henrique Andrade

HDES vai ter um novo edifício para um Corpo Assistencial, Urgência e Cuidados Intensivos

Programas funcionais vão ser consensualizados com as Ordens dos Médicos e dos Enfermeiros e as obras vão avançar até Junho



As versões finais dos dois programas funcionais que vão servir de base às obras de reparação, reorganização e redimensionamento do Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada (HDES), cuja elaboração foi encomendada à ARIPA – Ilídio pelicano, arquitectos, e à Antares Consulting S.L., já foram entregues ao HDES e à Secretaria Regional da Saúde e Segurança Social.

Nesta fase, estes programas funcionais voltam a ser discutidos com as várias direcções de serviços clínicos do Hospital do Divino Espírito Santo, visando ajustes finais de funcionalidade nas propostas feitas inicialmente e visando “encontrar a melhor solução final na distribuição do espaço e de circuitos.”

Posteriormente, os programas funcionais serão partilhados com parceiros da sociedade civil, nomeadamente a Ordem dos Médicos e Ordem dos Enfermeiros visando “consensualizar” as directrizes que contêm.

O programa funcional, ficará ainda sujeito à apreciação do Governo dos Açores, visando a definição de financiamento entre os Governos da República e Regional, “pretendendo-se lançar a empreitada de obras públicas que concretizará a solução aprovada para a reparação, reorganização e redimensionamento do Hospital do Divino Espírito Santo, neste primeiro semestre de 2025.”

Os programas funcionais identificam a construção de um novo edifício (Novo Corpo Assistencial e Novo Corpo de Urgência e Unidade de Cuidados Intensivos) com uma ampliação e remodelação do actual edifício, novas áreas contíguas para serviços não clínicos, logísticos e redimensionamento do estacionamento.

A nova área a ampliar tem cerca de 50.510 metros quadrados e serão remodelados cerca de 34.510 metros quadrados, dedicando-se ao estacionamento e adequação dos espaços exteriores uma área de 17.892 metros quadrados.

O Hospital do Divino Espírito Santo tem vindo a funcionar com o apoio de serviços já disponíveis no Hospital Modular que está a ser concluído junto ao HDES e ainda com o apoio do hospital da CUF.

Segundo as informações obtidas pelo ‘Correio dos Açores’, estão a ultimar-se os preparativos para a inauguração do Hospital Modular, provavelmente, no final da próxima semana ou princípio da seguinte.

O Raio X já está instalado no Hospital Modular, mas faltará ainda o TAC que demora alguns dias a instalar.

Depois do Hospital Modular ser inaugurado, vai congregard todos os utentes do Serviço Regional de Saúde que têm vindo a receber tratamento no Hospital da CUF, na Lagoa.